

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

91F = 9,0

JM01

ÁSPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS DO CANGAÇO  
NORTE-RIO-GRANDENSE (1920-1930)

TELMA MARIA CÓRDULA RIBEIRO

NATAL

2000

TELMA MARIA CORDULA RIBEIRO

ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS DO CANGAÇO  
NORTE-RIO-GRANDENSE (1920-1930)

*Monografia apresentada à disciplina  
Pesquisa Histórica II, ministrada pela  
Professora Denise Mattos Monteiro, do  
Curso de História da Universidade  
Federal do Rio Grande do Norte, sob  
orientação do Professor Luiz Eduardo  
Brandão Suassuna.*

NATAL

2000

*"Pertença a tudo  
Para pertencer cada vez mais  
A mim próprio."*

*( Fernando Pessoa)*

Às minha filhas  
Amanda e  
Andreza

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha existência e perseverança.

A todas as pessoas que de forma direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração desse trabalho, o meu reconhecimento e agradecimentos sinceros.

Ao Professor Luiz Eduardo Brandão Suassuna pela atenção, orientação, apoio e incentivo.

À Professora Francisca Aurinete Girão B. da Silva pelas aulas e pela revisão das normas bibliográficas do trabalho.

Ao Professor Francisco Fagundes de Paiva Neto, pelo apoio dado e pelo fornecimento de material que muito me ajudou.

Aos Senhores Evangelista e Jorge Filho, funcionários do Núcleo de estudos Históricos da UFRN, pela atenção que me dispensaram no fornecimento do material necessário para a elaboração desse trabalho.

As funcionárias do Arquivo Público do Estado e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte pela contribuição e fornecimento de documentos.

A todos os professores do Departamento de História, grandes colaboradores durante todo o período do curso.

As amigas Lúcia Mara e Eliane Pereira pela contribuição e incentivo.

Aos meus pais, irmãos e filhas, pela compreensão, apoio e paciência.

## SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	02
2 – SITUAÇÃO POLÍTICA, ECONÔMICA E SOCIAL DO BRASIL NOS ANOS DE 1889 A 1930	04
3 – PEQUENA HISTÓRIA DO CANGAÇO NO NORDESTE	10
4 – O CANGAÇO NO RIO GRANDE DO NORTE	20
5 – CONCLUSÃO	26
6 – FONTES E BIBLIOGRAFIA	28
7 – ANEXOS	32

## 1 - INTRODUÇÃO

O cangaço foi um fenômeno típico do Nordeste que surgiu ainda no período monárquico. Com a seca de 1877 a 1879 multiplicaram-se os grupos de cangaceiros e em geral, a idéia de vingança e as más condições de vida constituam a justificativa mais comum para a adesão ao cangaço.

O catolicismo rústico e os movimentos messiânicos não representaram a única saída para o homem rural brasileiro. A miséria, a fome, a doença, a perda de terras e roças, as secas e as arbitrariedades dos "coronéis" geraram o cangaço; que encarado como simples banditismo, era na verdade uma denúncia da situação de penúria em que viviam os sertanejos.

Na Primeira República, a estrutura agrária nordestina não oferecia ao homem do campo outras formas ao meios de sobrevivência, restando como única alternativa a formação de grupos salteadores denominados cangaceiros. Esses cangaceiros sem uma real consciência dos objetivos que os levavam a lutar, atacavam fazendas (pois ali estava o coronel todo poderoso), roubavam gado e assaltavam armazéns. Matar era uma contingência natural em sua posição e, para ele, o único meio de evitar novas misérias e arbitrariedades. Eles nunca foram entendidos (pela sociedade) pelo que defendiam, passando por simples criminosos e ladrões, quando na verdade eram homens que lutavam pela sobrevivência (todos eles?)

Na realidade, o cangaço foi uma resposta de setores marginalizados econômica e socialmente da sociedade nordestina, contra as injustiças da estrutura rural brasileira na época. O banditismo foi uma consequência de fatores econômicos e sociais, por ser a base de toda uma problemática a que se deu início, uma forte forma de luta, pois o cangaço foi um movimento social

que não atingiu um sentido de contestação mais ampla da estrutura política nacional.

Sabendo-se que o cangaço foi uma forma de banditismo social historicamente localizado no tempo e no espaço, procuramos analisar e entender como esse fenômeno se deu no contexto regional, bem como suas causas políticas, econômicas e sociais. Para isso, escolhemos as décadas de 1920 a 1930 por ter sido o período em que o cangaço atingiu o seu ponto máximo, tanto em número de grupos como em relação a área de atuação.

Para a realização deste trabalho utilizamos uma bibliografia mais geral para podermos entender os aspectos políticos, econômicos e sociais do Brasil como um todo, no período da República Velha. Em seguida, através da pesquisa em uma bibliografia mais específica, tratamos do cangaço propriamente dito. Como ele surgiu e evoluiu, alguns cangaceiros, a entrada de mulheres no cangaço e finalmente, como esse fenômeno se deu no Rio Grande do Norte.

Nesta última parte utilizamos também o Jornal A República, que lamentavelmente se encontrava em péssimo estado de conservação; pois como se não bastasse a própria ação do tempo, as pessoas que ali vão pesquisar ainda cometem agressões contra o material, através de recortes e rabiscos nos mesmos.

conte  
temporal

objetivo

metodologia



## 2 – SITUAÇÃO POLÍTICA, ECONÔMICA E SOCIAL DO BRASIL NOS ANOS DE 1889-1930

*"Não me consolo de constatar todo dia que o Brasil não deu certo. Não por culpa da terra, que é boa, nem do povo, que é ótimo. Mas das nossas classes dirigentes que só sabem gastar gente a fim de lucrar e enricar."*

*(Darcy Ribeiro)*

Na Segunda metade do século XIX o poder político no Brasil continuava manipulado pela velha e decadente aristocracia; por isso, a nova elite cafeeira do Oeste Paulista se chocava com essa aristocracia, exigindo o comando do poder já que São Paulo sustentava, em grande parte, a economia do país. Incapaz de atender as novas aspirações sociais e de se modernizar politicamente, o governo imperial entrou em crise e foi substituído pela República em 1889. Imediatamente após a proclamação da República iniciaram-se as lutas pelo poder entre dois grupos: um que pretendia colocar o governo a serviço dos fazendeiros e outro que queria reformas beneficiando as classes médias urbanas<sup>1</sup>.

O governo provisório formado na noite de 15 de novembro de 1889 não queria nenhuma revolução social, sua missão era defender a ordem pública e o direito dos proprietários nacionais e/ou estrangeiros. Também se comprometeu a pagar todas as dívidas da monarquia com os credores externos e, entre outras medidas, promoveu a reforma financeira e promulgou a primeira Constituição brasileira. Essa primeira reforma financeira ocorreu logo após a

---

<sup>1</sup> FAUSTO, Boris. *História geral da civilização Brasileira*, passim.

proclamação da República, foi elaborada por Rui Barbosa, que iniciou uma política econômica visando transformar o Brasil em nação industrializada. Sua política se caracterizava pela emissão de moeda sem lastro-ouro e gerou uma crise econômica chamada Encilhamento que se caracterizou pela alta inflação e pela especulação na Bolsa de Valores. Pressionado pelos cafeicultores e por colegas do próprio ministério, Rui Barbosa demitiu-se.<sup>2</sup>

A primeira Constituição republicana promulgada em 24 de fevereiro de 1891, foi modelada principalmente na norte americana e instituiu no Brasil uma República Federativa Presidencialista, três poderes e eleições diretas, o voto era universal e descoberto, sendo garantido aos brasileiros maiores de 21 anos, desde que não fossem analfabetos. No entanto, o primeiro presidente e o seu vice foram eleitos indiretamente pelo Congresso Nacional. Com pouco apoio político, Deodoro passou a sofrer grande pressão do Congresso Nacional, que tinha muitos representantes da oligarquia cafeeira. Então resolveu dissolvê-lo, mas devido aos protestos terminou renunciando à presidência da República. Floriano Peixoto assumiu em seu lugar, mas em pouco tempo começou a receber forte oposição política<sup>3</sup>.

Em 1894 Prudente de Moraes assumiu a presidência da República dando início a "República das Oligarquias", que se caracterizou pelo domínio dos fazendeiros e pelo reinado absoluto do café. O poder econômico retomava o controle do poder político. Durante a República Oligárquica, a população camponesa era mantida marginalizada, submetida e dependente dos grandes latifundiários. A pseudodemocracia, manipulada pelas oligarquias, não permitia que as camadas populares tivessem o direito democrático de escolher livremente os seus representantes<sup>4</sup>.

O Brasil tinha uma economia essencialmente agrícola e 75% da população (imensa maioria analfabeta) vivia no meio rural. Nessa sociedade o coronel era o dono do poder e os empregados – desamparados pela lei – recebiam salários miseráveis, dependendo dos "favores" dos coronéis para absolutamente tudo. O poder do coronel espalhava-se pelo campo, fazenda dos

<sup>2</sup> Ibid, p.33.

<sup>3</sup> Ibid, p.37-39

<sup>4</sup> BASBAUM, Leôcio. *História sincera da república*, passim.

municípios interioranos as suas bases privilegiadas e influenciava toda a política do lugar. Todas as pessoas importantes procuravam ligar-se ao coronel que em troca de seus "favores" exigia que as pessoas votassem em seus candidatos para os vários cargos políticos.<sup>5</sup>

As oligarquias agrárias montaram uma complicada rede de transmissão de poder que ia desde os municípios até a estrutura federal. Nessa rede de poder, o coronelismo costurava o fio das alianças na base da troca de favores, do clientelismo e de muita corrupção.

Como afirma Victor Nunes Leal:

*"A oligarquia agrária dominava o sistema nacional, cuja engrenagem gerava uma relação de dependência entre as três esferas do poder: federal, estadual e municipal, com o eleitorado como base do sistema. Em troca dos votos recebidos dos coronéis, eram distribuídos os benefícios do patronato federal, estadual e municipal"*<sup>6</sup>

Em 1898 Campos Sales foi eleito presidente e, em busca de uma solução para a crise econômica do Brasil, foi a Europa negociar a dívida externa do país. Isso resultou num acordo financeiro (*fuding loan*), pelo qual ficou determinado a suspensão do pagamento dos juros da dívida externa por três anos e da dívida por treze anos; mas, em troca Campos Sales teria que combater a inflação. No entanto a política de combate à inflação e de valorização da moeda, do governo Campos Sales, prejudicou sensivelmente as camadas populares urbanas, que tiveram de enfrentar o desemprego e o alto custo de vida. A indústria brasileira que sobreviveu a crise do Encilhamento e ao desestímulo do governo Campos Sales, retomou o crescimento durante a Primeira Guerra Mundial devido a queda das importações, aos investimentos no setor fabril, a grande quantidade de mão de obra disponível e ao aumento da procura internacional de alguns produtos brasileiros.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*, p.43.

<sup>7</sup> MAGALHÃES FILHO, Francisco de B.B. *História econômica*, passim

No governo do presidente Rodrigues Alves, o café passou por mais uma crise de superprodução e de desvalorização do seu preço nos mercados consumidores internacionais, levando os governadores de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro a lançarem uma política de valorização do café, por meio da qual o governo dos três estados ficaram responsáveis pela compra de todo o excedente do produto. Essa política só favoreceu aos cafeicultores e foi extremamente prejudicial aos outros setores da sociedade brasileira <sup>8</sup>

No final dos anos vinte a economia brasileira foi profundamente afetada por uma crise mundial que começou nos Estados Unidos em 1929. Os efeitos dessa crise foram brutais para o Brasil, que teve as vendas do café praticamente paralisadas e a queda do seu preço nos mercados internacionais. Essa situação provocou o fracasso da política econômica de combate à inflação e de valorização da moeda brasileira, como também a ruína e a perda da supremacia política das oligarquias cafeeiras, que foram finalmente derrubadas do poder pela Revolução de 1930 <sup>9</sup>.

No final do século XIX a economia nordestina sofreu uma retração, devido à incapacidade do nordeste de acompanhar a revolução tecnológica que a indústria açucareira e a cotonicultura estavam sofrendo no mercado internacional, o que significou para o Nordeste a marginalização de suas lavouras tradicionais no mercado mundial. Contribuiu também para essa decadência, e como consequência daquela retração e das secas na região, a intensa migração de sua população para a Amazônia em busca de trabalho na extração da borracha <sup>10</sup>.

**Segundo Marlene Mariz:**

*"... o nordeste, que mantivera grande força política, no regime monárquico-graças a atividade açucareira- viu decair seu prestígio político com o advento da república, como decorrência da crise crônica da produção açucareira agravada na década de vinte" <sup>11</sup>.*

---

<sup>8</sup> Ibid.  
<sup>9</sup> Ibid.  
<sup>10</sup> ARBOCZ, I.I.L. *Ensaio sobre a história econômica do Rio Grande do Norte*, p.27  
<sup>11</sup> MARIZ, Marlene da Silva. *História do Rio Grande do Norte*, p.145.

Com a expansão do café, o eixo econômico o foi gradativamente transferido do Nordeste para o centro-sul do país, constatando-se também uma recomposição nos quadros políticos que implicou no afastamento dele nas decisões políticas do país.

Os conchavos políticos, a dominação oligárquica, a força eleitoral, o mandonismo local e os desmandos administrativos formaram um denominador comum em todo o país, na República Velha. Os ideais democráticos, tão puros e ardorosamente defendidos na derrubada da monarquia, foram em grande parte postos à margem pelos grupos oligárquicos que se perpetuaram no poder. A prática dos princípios democráticos foi atropelada pelo constante autoritarismo dos governantes e dos coronéis do sertão. Daí a inviabilidade de uma imprensa de oposição e conseqüentemente da consolidação de partidos oposicionistas. Nestas condições, a rotatividade de partidos no poder, como princípio básico da democracia, permaneceu morta na maioria dos estados. Sendo o Rio Grande do Norte parte integrante de dois conjuntos sócio-econômicos maiores: a sociedade nordestina e a sociedade brasileira, quando as crises abalavam esses dois conjuntos maiores, suas repercussões também eram sentidas no Rio Grande do Norte.

Do ponto de vista econômico, a República Velha no Rio Grande do Norte caminhou sem grandes realizações. A rotina agropecuária, salvo algumas iniciativas tomadas por Alberto Maranhão e Juvenal Lamartine foi dominante nesse período. O lucros oferecidos pela produção do algodão, do sal, do açúcar, da cera de carnaúba e de outros produtos primários não geraram excedentes econômicos suficientes capazes de provocar um expressivo surto industrial. O Rio Grande do Norte era um Estado basicamente de economia agrícola, cuja massa popular estava submetida ao regime do patriarcalismo, vivendo marginalizada político-socialmente. A camada operária era pouco significativa, o setor de transporte era deficiente e sua expansão ocorreu com relativo atraso se relacionado com os estados vizinhos além de apresentar grande deficiência no ensino <sup>12</sup> nas cidades e nas áreas rurais.

---

<sup>12</sup> Ibid, p.113-119.

Segundo Mariz, com a proclamação da República o Rio Grande do Norte foi transformado de Província em estado e embora fizesse parte da área periférica nacional, não permaneceu isolado da vida política do país, se integrando nas relações de força na disputa do poder. Seu sistema político funcionava com base nos acordos políticos entre os grupos dominantes, nos níveis federal, estadual e municipal, numa troca mútua de favores e obrigações. Nesse período se instalou a oligarquia Maranhão no Rio Grande do Norte, que representava os interesses econômicos do grupo que se ligava ao comércio exportador do açúcar, algodão e sal. Essa oligarquia se manteve no poder por vinte e oito anos <sup>13</sup>.

É nesse contexto da República Velha, principalmente nos momentos de grandes crises econômicas, que surgem formas de banditismo social, como por exemplo o cangaço, que ocorreu no Nordeste brasileiro entre os anos de 1870 a 1940. Sendo o nosso objetivo, nesse trabalho, especificamente o cangaço, no próximo capítulo nós iremos analisar como esse fenômeno se deu no Nordeste.

---

<sup>13</sup> Ibid, passim.

### 3 – PEQUENA HISTÓRIA DO CANGAÇO NO NORDESTE

*"A situação de miséria, as injustiças dos coronéis-fazendeiros, a fome e as secas produziram no Nordeste um cenário favorável a formação de bandos populares, bem armados, conhecidos como cangaceiros"*

*(Gilberto Contrim)*

No final do século XIX e início do XX, o Nordeste, que já fora o centro econômico, político e cultural do país, passava por uma crise sócio econômica sem precedentes, em que pessoas sem perspectiva de vida para manter a família com os frutos do próprio trabalho, encontravam na formação de grupos de cangaceiros, jagunços, beatos e conselheiros, a válvula de escape. Esses nordestinos pobres, sem terra, sem bens, sem direitos e garantias, ou se aventuravam por esses caminhos, sonhando com uma vida melhor, ou ficavam submetidos à dominação dos prepotentes coronéis, sob um regime de semi-escravidão em latifúndios improdutivos e geradores de miséria, de fome, de tantas revoltas sociais. *"Eram eles o fruto da decadência de um sistema econômico-social que procurava sobreviver a si mesmo"* <sup>14</sup>.

Mas, como afirma Billy Chandler:

*"Não foram só as condições econômicas que causaram o aparecimento do banditismo neste período. A fragilidade das instituições responsáveis pela lei, ordem e justiça, também contribuiu gravemente"* <sup>15</sup>.

<sup>14</sup> FACÓ, Rui. **Cangacelros e fanáticos**, p.21

<sup>15</sup> CHANDLER, Billy Jaymes. **Lampião: o rei dos cangaceiros**, p. 25

Para Maria Isaura Queiroz, embora bandidos tenham existido por toda parte do país, o cangaço, uma forma de banditismo, foi perfeitamente delimitado no tempo e no espaço, uma vez que ocorreu em fins do século XIX e início do século XX, no Nordeste seco<sup>16</sup>, florescendo geralmente durante as secas mais intensas como por exemplo a de 1877, que se espalhou pelos sertões do nordeste, matando as criações, queimando os roçados, esturricando a terra tornando-a emprestável a novos plantios, secando os rios e as cacimbas, matando homens e animais pela sede e provocando o êxodo maciço de sertanejos, especialmente para o Amazonas, atraídos pelo Ciclo da Borracha, e para São Paulo, devido à expansão cafeeira.<sup>17</sup>

Como afirma o próprio Rui Facó:

*"Mas do que meio de vida, meio de prover a subsistência, o cangaceirismo prolifera no Nordeste sobretudo nas épocas de grandes secas. Formando-se então os bandos, em geral pequenos, de 3 a 10 homens no máximo. A maioria deles desaparece, uma vez passada a calamidade climática. Alguns remanesçam e prolongam sua existência."<sup>18</sup>*

Mas de onde teria surgido o termo "cangaço" que aqui no Nordeste adquiriu o sentido de banditismo social?

Conforme Chandler:

*"As palavras cangaceiro e cangaço, aparentemente começaram a ser usadas na década de 1830; e se relacionavam à "canga" ou "cangalho", isto é, o jugo dos bois. Talvez o cangaceiro fosse assim chamado porque carregava seu rifle nas costas, como o boi carrega sua canga".<sup>19</sup>*

<sup>16</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *História do cangaço*, p.16

<sup>17</sup> ANDRADE, M.C. de. *A terra e o homem no nordeste*, passim.

<sup>18</sup> FACÓ, op cit, p.67

<sup>19</sup> CHANDLER, op cit, p.17



Mas para compreendermos melhor o fenômeno cangaceirismo, "é necessário [que se faça a] distinção entre fenômenos que algumas vezes se confundem: o cangaceiro, o capanga (jagunço ou cabra) e o "fanático". [No entanto] Nem sempre é fácil semelhante distinção e nem sempre tem sido feita"<sup>20</sup>.

Os beatos ou conselheiros caminhavam pelo sertão nordestino, pregando uma religião que eles mal conheciam e, eram seguidos por dezenas de fiéis. Já os jagunços estavam a serviço do coronel para defender suas propriedades, matar seus adversários políticos e garantir a vitória dos seus candidatos nas eleições. Enquanto que os cangaceiros, ao contrário dos jagunços, atacavam as fazendas dos coronéis e espalhavam o terror entre os latifundiários como forma de combater a miséria e extravasar a revolta da maneira primária, empregando a violência<sup>21</sup>.

Por essa razão foram imediatamente classificados de "bandidos" pelas autoridades e pela elite sertaneja. Na realidade, eles estavam fora da lei; porque não se enquadravam dentro das regras vigentes na região: obediência total aos grandes coronéis.

Embora muitas vezes a violência dos cangaceiros se dirigisse contra os poderosos, ela correspondia mais a atitudes de vingança pessoal e de revolta inconsciente e primitiva contra a miséria do que uma luta que objetivasse conscientemente transformações sociais para todos

Como afirma Facó:

*"Naquela sociedade primitiva, com aspectos quase medievais, semi bárbaros, em que o poder do grande proprietário era incontestável, até mesmo uma forma de rebelião primária, como era o cangaceirismo, representava um passo à frente para a emancipação dos pobres do campo. Constituíam um exemplo de insubmissão"*<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> FACÓ, op cit, p.60

<sup>21</sup> Ibid, passim

### Ainda segundo Facó:

*"O cangaceiro e o fanático eram os pobres do campo, que saíram de uma apatia generalizada para as lutas que começavam a adquirir caráter social, lutas, portanto, que deveriam decidir, mais cedo ou mais tarde, de seu próprio destino. Não era ainda uma luta diretamente pela terra, mas era uma luta em função da terra – uma luta contra o domínio do latifundiário semi-feudal".*<sup>23</sup>

Nesse contexto se altera o relacionamento entre o coronel e sua "clientela", isto é, a massa de sertanejos que vivia em seu latifúndio prestando todo o tipo de serviço. Sem recursos, o coronel não tinha mais o mesmo vigor para manter em sua dependência essa massa que, ou migrava, ou formava bandos de cangaceiros, ou se agrupavam em torno de um líder religioso.<sup>24</sup>

### De acordo com Facó:

*"Nem mais nem menos: para os componentes do bando, o cangaço é modalidade de ganhar a vida, como é possível ganhá-la num ambiente onde impera a ferocidade do coronel, com toda a sua aparente mansidão, o seu falso humanismo, o seu apregoado paternalismo cristão".*<sup>25</sup>

Conforme José Chiavenato, o cangaço não representava uma verdadeira ameaça ao latifundiário: os cangaceiros não pretendiam a terra, não lutavam pela igualdade social. Eram rebeldes que buscavam no crime uma sobrevivência mais fácil, impossível pelo trabalho. Não tinham reivindicações políticas nem sociais. Seus objetivos eram imediatistas: uma certa margem de segurança para agir e manter a sobrevivência do bando. Não tinham plano algum, exceto imporem-se pela força. Se isso não tirou o caráter social de sua revolta, em pouco tempo os levou a traírem suas origens.<sup>26</sup>

Numa sociedade patriarcal e latifundiária, de injustiças e miséria, o cangaço constituía uma alternativa para a população que buscava melhora de

<sup>22</sup> Ibid, p.46

<sup>23</sup> Ibid, p.45

<sup>24</sup> ANDRADE, op cit, passim.

<sup>25</sup> FACÓ, op cit, p.66

vida. Era uma forma original de projeção social.<sup>27</sup> O cangaceiro "tinha acesso a uma quantidade razoável de dinheiro e a outros símbolos de status, como belas roupas, perfumes, anéis e mulheres. Podia por vezes falar de 'igual para igual' com seus antigos opressores, os coronéis".<sup>28</sup>

Como organização relativamente estável e vivendo à margem da sociedade, os grupos de cangaceiros organizavam suas próprias festas e brincadeiras que, as vezes podiam terminar em brigas e até mesmo em morte. Mas, a medida que o terror e a violência se generalizaram como forma de sustentação do cangaço, esse teve suas bases de apoio corroídas.<sup>29</sup>

Esses cangaceiros usavam alguns truques que lhes davam vantagens dificultando a perseguição e evitando que fossem encontrados. Para esconder os rastros, eles andavam em fila indiana, todos pisando na mesma pegada. O último ia de costas, apagando os rastros com plantas. Mandavam também fazer alpercatas com salto na frente e não atrás, como é normal; para que a pegada apontasse para o outro lado. Quando entravam numa cidade, cortavam o fio do telégrafo e tomava o posto telefônico, impedindo pedidos de socorro. Andavam por dentro da caatinga evitando assim as estradas, mas quando não tinham outra opção, seqüestravam todas as pessoas que iam encontrando e levavam os reféns ao menos por um tempo. Não deixavam a polícia avaliar o resultado do combate, pois, levavam os mortos e, quando não dava, cortavam-lhes as cabeças, dificultando-lhes a identificação. Além disso, quando um integrante do grupo morria, seu apelido era imediatamente adotado por um novato, dando a impressão de que os cangaceiros eram invencíveis, pois os nomes eram imortais. Eles contavam com a ajuda de cães que funcionavam como sentinelas, mas também havia um sistema tático de alarme que consistia em cercar o acampamento com fios ligados a sinos.<sup>30</sup>

Esses grupos de cangaceiros, que tinham a característica de serem exclusivamente masculino, tiveram essa regra quebrada quando os cangaceiros, a exemplo de Lampião, passaram a ser acompanhados por suas

<sup>26</sup> CHIAVENATO, José Júlio. *Cangaço: a força do coronel*, p.16-21.

<sup>27</sup> QUEIROZ, op cit, p.63-64.

<sup>28</sup> DÓRIA, Carlos Alberto. *O cangaço*, p.83

<sup>29</sup> Ibid, p.85-87

<sup>30</sup> SUPER INTERESSANTE, junho, 1997, p.52-53.

mulheres, que seguiam nas longas caminhadas exaustivas pelas caatingas, lutando lado a lado com eles nos combates.<sup>31</sup>

"A ninguém era dado, no bando, ter mais de uma mulher; e na maioria das vezes as mulheres dos cangaceiros foram esposas fiéis e devotadas. Houve porém alguns casos de traição, sempre punidos de morte".<sup>32</sup>

Talvez a entrada dessas mulheres no bando, significasse para elas uma certa respeitabilidade e independência, uma vez que, no bando aprendiam a atirar e a sobreviver na caatinga, se dividiam nas tarefas com os homens e eram de excepcional ajuda na luta pela sobrevivência. Algumas chegaram a ser mães de crianças que eram entregues as pessoas de confiança, em geral influentes, para que pudessem dar-lhes trato e apoio.<sup>32</sup>

A presença dessas mulheres nos bandos funcionou como um freio à violência uma vez que era a elas que se dirigiam os pedidos de clemência; funcionou também como garantia de respeito às filhas e mulheres dos sertanejos surpreendidos por um ataque do bando.<sup>34</sup>

---

<sup>31</sup> QUEIROZ, op cit, p.51

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>34</sup> DÓRIA, op cit, p.90

No entanto, como afirma Chandler:

*"Na falta de dados seguros, é difícil determinar se a presença das mulheres levaram a uma diminuição da incidência de estupros [e violência] por parte dos cangaceiros".<sup>35</sup>*

Foi nesse sertão conturbado que se abriu espaço para a existência de grupos de cangaceiros como os Brilhantes, Viriatos e outros. Nessa época ficaram famosos cangaceiros como: Cabeleira, João Calangro, Antônio Silvino, Lampião, entre outros. Chefes de bandos que além de responsáveis pela disciplina, elaboravam a ética do grupo.

Antônio Silvino (cujo nome verdadeiro era Manuel Batista de Moraes) foi líder de terrível grupo de jagunços que assolou o Nordeste de 1896 a 1918, quando foi preso. Ele entrou no cangaço para vingar a morte de seu pai, nas suas andanças pela Paraíba e Pernambuco, saqueou armazéns, cidades, usinas e fazendas. Homem vaidoso, gostava de pedrarias e perfumarias, fazia questão de se diferenciar e não aceitava qualquer pessoa em seu bando. Por volta de 1909 a 1910, casou-se com Maria da Conceição (Teta – filha de um fazendeiro) e tentou mudar de vida, chegando até a se envolver em política. Preso em Taguaritinga, foi levado para Recife, julgado e condenado a trinta anos de prisão. Não chegou a cumprir sua pena integralmente porque foi indultado por Getúlio Vargas que ainda ordenou que se lhe desse um emprego. Faleceu em 1944, aos 79 anos, na Paraíba.<sup>36</sup>

Na mesma época em que Antônio Silvino era preso, o pernambucano Virgulino Ferreira da Silva ingressava no cangaço, adotando o apelido de Lampião. Contava então com pouco mais de 20 anos de idade e logo se transformaria no maior inimigo dos latifundiários nordestinos e no grande ídolo da população miserável, que o considerava um "justiceiro" na punição dos poderosos. Sua ação estendeu-se por vinte anos, abrangendo o período da crise política da República Velha (década de 1920) e avançando pela Era

<sup>35</sup> CHANDLER, op cit, p.180

<sup>36</sup> DÓRIA, op cit, passim.

Vargas (1930 a 1945), quando o país sofreu profundas transformações em todos os setores.

Em 1922, Lampião tornou-se chefe de bando, alastrando o terror pelo Nordeste. Suas crueldades iam de torturas, violações e saques a assassinatos hediondos. Sob o escudo da vingança, ele tornou-se um "expert" em "sangrar" pessoas, enfiando-lhes longos punhais corpo adentro entre a clavícula e o pescoço. Arrancou olhos, cortou orelhas e línguas, castrou um homem dizendo que ele precisava engordar e consentiu que marcassem rostos de mulheres com ferros em brasa.

Em 1926, diante do avanço da Coluna Prestes, o Governo Federal requisitou a ajuda do bando de Lampião acenando-lhe com a promessa de anistia e a patente de Capitão do Exército. O Padre Cícero, pelo respeito que lhe tinham os cangaceiros, foi o intermediário nas negociações (ANEXO 1). Orgulhoso com o título de "capitão" e com o salvo-conduto ganho, Lampião aceitou a empreitada, recebendo para isso armamento moderno e grande quantidade de munição. No entanto, a caminho pernoitou na fazenda de um amigo que o alertou sobre a falsidade dos documentos: não eram assinados pelo presidente da República, e sim por um inspetor do Ministério da Agricultura. Sentindo-se ludibriado, Lampião abandonou seu intento, desistindo de enfrentar os 3.000 homens da Coluna Prestes. Voltou ao cangaço, utilizando-se do armamento que lhe fora entregue pelas autoridades.<sup>37</sup>

Foi por volta de 1928 ou 1929, quando Lampião estava no norte da Bahia, que teve início seu relacionamento com Maria Bonita (ANEXO 2). Filha do fazendeiro João Casé e Maria Délia, tinha dezenove anos e vivia com o sapateiro Zé de Neném. Depois de conhecê-lo, Maria Bonita, que não tinha filhos do primeiro casamento, decidiu partir com Lampião, compartilhando de sua vida daí por diante.<sup>38</sup>

Durante a década de 1930 Lampião e seus companheiros tentaram impor, nas áreas sob sua fluência, alguns padrões de comportamento as

<sup>37</sup> Ibid.

<sup>38</sup> QUEIROZ, op cit, passim.

<sup>38</sup> CHANDLER, op cit, p. 182

mulheres. Conta-se que aquelas que usavam cabelos cortados ou cujos vestidos eram considerados muito curtos, eram surradas. Embora Lampião não ferrasse as mulheres pessoalmente, aprovava as ações de seu companheiro José Baiano, que com o seu ferro em brasa, que tinha as iniciais "JB", marcava as mulheres que possuía; algumas no rosto, outras nas coxas, nádegas e acima da vagina (ANEXO 3). Diz-se que essa era a forma de se vingar da traição de Lídia, sua primeira mulher.<sup>39</sup>

Em 1938, encurralados em seu esconderijo em Angicos (Sergipe), Lampião e seus homens foram massacrados e seus cadáveres decapitados. As cabeças ficaram em exposição no quartel da polícia de Maceió e daí foram levados para a Bahia, a fim de serem mumificadas e incluídas no acervo do Museu Nina Rodrigues, onde ficaram até serem enterradas muitos anos depois. A morte de Lampião e seus jagunços não acabou definitivamente com o cangaço. O bando, como de costume, estava dividido e essa circunstância garantiu a sobrevivência do grupo liderado por "Corisco", ou "Diabo Loiro". Dizem que ele era alto, um pouco corpulento e loiro dos olhos azuis, daí o apelido de "Diabo Loiro"; mas pouco se sabe sobre a sua vida. Ao que se conta, fugira de casa rapazinho por causa de uma violenta surra que levara da mãe. Depois de várias peripécias, ingressou no grupo de Lampião, tornando-se um dos companheiros prediletos dele. Apaixonado por Sérgia Maria Ribeiro da Silva (Dadá), raptou-a quando ela tinha 13 anos. Corisco ensinou-a a ler, escrever, contar, lutar, se defender e manejar armas de fogo. Tiveram sete filhos mas só três sobreviveram e foram dados a criar por famílias que pudessem garantir-lhes a sobrevivência. Com a morte de Lampião, Corisco ainda permaneceu lutando por dois anos imbuído da tarefa de vingar a morte de seu ex-chefe e amigo. Em 1940, ferido em combate contra as tropas do governo e na iminência de ser capturado, suicidou-se. Dadá ficou gravemente ferida e foi processada em Jeremoaba.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> CHANDLER, op cit, p.182

<sup>40</sup> DÓRIA, op cit, passim.

O cangaço encerrou-se como movimento social, mas os efeitos de Antônio Silvino, Lampião e Corisco, continuam vivos na memória do povo e são temas preferidos nos folhetins de cordel.



#### 4 – O CANGAÇO NO RIO GRANDE DO NORTE

*"No ano de vinte e sete  
Lampião a viajar  
travessou a Paraíba  
para a terra Potiguar  
do Rio Grande do Norte  
viagem que deu azar"*

*(Antônio Américo de Medeiros)*

O Rio Grande do Norte como uma área relacionada ao contexto da época, êxodo e miséria, também teve seus representantes no cangaço. Na sua história, há o registro da convivência da luta contra os cangaceiros, Jesuíno Alves de Melo Calado, vulgo Jesuíno Brilhante, que nasceu no Sítio Tuiuiú, no Município de Patu em 1844 e morreu em 1879, foi o típico representante do cangaço aqui no Estado. Produto típico do meio em que vivia preferiu a liberdade do cangaço. Nas suas andanças fazia justiça, casou moças ultrajadas e visitou em paz, Mossoró, Martins e fazendas; tornou-se admirado em todo o estado.<sup>41</sup>

Durante a República Velha o Rio Grande do Norte não teve cangaceiros, mas mesmo assim, sempre foi invadido por grupos procedentes da Paraíba e do Ceará. Por volta de 1912, Antônio Silvino passou no Rio Grande do Norte, teve longo encontro com o chefe político de São Miguel, de Jucurutu e com o juiz de direito de Acari. A partir daí, Antônio Silvino passou a intervir absurdamente na política de certos municípios do Rio Grande do Norte, onde

---

<sup>41</sup> MEDEIROS, Tarcísio. *Aspectos geopolíticos e antropológicos da história do Rio Grande do Norte*, p. 134-135.

sonhava estabelecer-se como criador de gado. Em Caicó ele fez comícios em praça pública, recomendando candidaturas e estabelecendo a cobrança de certas taxas para seu grupo. Foi nessas circunstâncias que solicitou a um padre seu amigo que intercedesse por ele junto ao Governo do Estado, prometendo mudar de vida desde que suas atividades passadas fossem perdoadas e esquecidas. Como o padre não aceitou o seu pedido, ficou enfurecido, retornando ao cangaço com muito mais rigor.<sup>42</sup>

Por volta de 1922, a população sertaneja entrou em pânico. Boatos de invasão ao sertão por bandos de cangaceiros corriam mais velozes do que um tufão. Vários telegramas chegavam ao Palácio do Governo procedentes de Caraúbas, Augusto Severo, Apodi, Martins, Patu, Luiz Gomes, Pau dos Ferros, Serra Negra, Caicó, Acari, Nova Cruz e Pedro Velho, todos noticiando a iminência de uma invasão de cangaceiros vindos do Ceará e da Paraíba. Por essa razão os governadores do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba resolveram desenvolver uma ação conjunta para combater o cangaço.<sup>43</sup>

Contudo em junho de 1927, Lampião, resolveu atacar Mossoró, o que se transformou num dos episódios mais improdutivos de sua carreira.

#### Segundo Chandler:

*"A decisão de Lampião de atacar Mossoró, a cidade mais importante do interior do Rio Grande do Norte, foi, afinal de contas, um erro. Mas, no início de junho de 1927, a idéia de assaltar uma nova região, lhe pareceu muito boa. Suas andanças por Pernambuco e Alagoas estavam limitadas, devido à pressão da polícia, e, com exceção de Zé Pereira e seus parentes, nunca fora bem recebido na Paraíba. Quanto ao Ceará, estava livre de sua violência, em vista de seu acordo informal com as autoridades de lá, e também por causa do respeito que tinha pelo Padre Cícero. Restava, portanto, o Rio Grande do Norte."<sup>44</sup>*

<sup>42</sup> QUEIROZ, op cit, p.34.

<sup>43</sup> FERNANDES, Raul. A marcha de Lampião: assalto a Mossoró; passim.

<sup>44</sup> CHANDLER, op cit, p. 107

No entanto, não se sabe ao certo, as razões que levaram Lampião a assumir tão grande empreendimento, já que não era seu estilo atacar cidades tão grandes e com grande força policial. Existem várias versões prováveis para esse fato. Conta-se que Lampião andava triste e transtornado com a morte do irmão e para animar o amigo, Massilon sugeriu o ataque. Outra versão diz que o assalto foi arquitetado pelo Coronel Isaias Arruda, chefe de polícia do Cariri, que há muito vinha protegendo Lampião e outros cangaceiros. De qualquer modo, o certo é que Lampião preparou o ataque. Diferentemente de Jesuíno Brilhante e Antônio Silvino, que combatiam sem aterrorizar as populações sertanejas, Lampião implantou o terror e combateu todos os recordes de assaltos, devassando o Nordeste com uma rapidez incrível.<sup>45</sup>

Lampião deixou as autoridades e o povo potiguar em estado de constante apreensão, uma vez que vinha atacando fazendas e vilas no sertão de Pernambuco, Paraíba e cidades fronteiriças do Rio Grande do Norte. O coronel Rodolfo Fernandes (Prefeito de Mossoró) que constantemente vinha recebendo informações da marcha empreendida por Lampião em nosso Estado, procurou preparar a defesa da cidade. No entanto, como as notícias divulgadas eram contraditórias, deixavam dúvidas quanto as reais intenções de Lampião. Ninguém sabia ao certo quando seria o dia em que Mossoró receberia o seu batismo de fogo.<sup>46</sup>

*"A notícia da penetração da horda lampiônica, no município de Mossoró, difundia-se como rastilho no Estado. Dos portões do palácio governamental às veredas dos povoados longínquos, murmurava-se um só nome – LAMPIÃO"<sup>47</sup>*

Os instantes que antecederam a hora do ataque, foram cobertos pela troca de bilhetes de Antônio Gurgel, que tinha sido feito prisioneiro de Lampião, ao seu genro Jaime Guedes, Gerente da agência do Banco do Brasil, e do próprio Lampião ao prefeito de Mossoró (Rodolfo Fernandes), pedindo-lhe

<sup>45</sup> FERNANDES, op cit, p.41.

<sup>46</sup> Ibid, passim

<sup>47</sup> Ibid, p.124.

quatrocentos contos de réis para não atacar Mossoró (ANEXO 4). Como não foi atendido prosseguiu o ataque.<sup>48</sup>

"Dentro da cidade, um destacamento da polícia e de habitantes da cidade – calculado entre 150 a 300 homens – estava esperando nos pontos estratégicos, tais como a Prefeitura, a estação ferroviária, o telégrafo, uma escola, um hotel, diversas residências e casas comerciais, além dos campanários da Igreja que dominavam a cidade. Todos estavam bem equipados com armas e munição compradas por meio de uma subscrição pública".<sup>49</sup>

Como afirma Chandler:

"É de admirar que Lampião, vendo a preparação da cidade, não tivesse um pressentimento da derrota. Construída na Planície Litorânea, a cidade não oferecia a proteção das colinas a que estava acostumado. Nunca tinha assaltado um lugar tão importante, e, deve ter pensado na possibilidade, e até mesmo na probabilidade de uma derrota."<sup>50</sup>

Consumada a derrota, Lampião bateu em retirada com o seu bando, levando um saldo negativo de dois mortos e oito feridos, sendo que dois em estado desesperador (ANEXO 5). Enquanto que do outro lado todos estavam sãos e salvos "saindo da cidade, Lampião e seus cangaceiros, voltaram ao acampamento, onde, juntamente com seus reféns, montaram à cavalo e partiram rapidamente para o Ceará, seguindo a linha telegráfica."<sup>51</sup> (ANEXO 6)

De acordo com Chandler, Mossoró foi para Lampião uma aventura fora do comum, o empreendimento mais ambicioso e o mais imprudente de sua carreira.

"Não lhe faltava coragem, mas não era temerário. A não ser que fosse forçado pelas circunstâncias normalmente não enfrentava um inimigo se não debaixo de condições que lhe favoreciam o sucesso. Em Mossoró, as cartas estavam

<sup>48</sup> CHANDLER, op cit, p.109-110.

<sup>49</sup> Ibid.

<sup>50</sup> Ibid.

<sup>51</sup> Ibid, p.111.

contra ele, como imaginara, mas, ou para proteger sua reputação de cangaceiro, ou vaidade, desafiou a sorte e perdeu".<sup>52</sup>

Lampião que era considerado o mais terrível cangaceiro dos sertões nordestinos, não conseguiu êxito ao tentar assaltar Mossoró, chefiando um grupo de cinquenta homens, o audacioso chefe do cangaço recebeu, no devido tempo, o rechaço que lhe foi imposto pelas armas dos heróicos defensores da cidade, que naquele dia (13 de junho de 1927) havia sido transformado em verdadeira praça de guerra. Em 1927, registrou-se na história de Mossoró uma página de heroísmo, ao oferecer resistência à ameaça daquele cangaceiro que aqui perdeu alguns dos seus melhores homens e sentiu começar sua derrota até ser exterminado em combate, nove anos depois, por forças policiais que o perseguiram.<sup>53</sup>

#### Na opinião de Dioclécio Duarte:

"No Rio Grande do Norte... o cangaceirismo não encontrava raízes, tão enérgica tem sido a preocupação por parte de governo de destruir todas as suas fontes".<sup>54</sup>

De qualquer forma, a verdade é que iniciada a década de 1930, o cangaço estava longe de ter morrido, mas já se aproximava de seu fim; a mentalidade da gente sertaneja, espoliada, maltratada pela seca, pelo cangaço, pelas milícias, pelo coronel e pela economia pré-capitalista, buscava outros rumos. Havia desaparecido as possibilidades da sobrevivência dos bandos, que foram colocados em condições de inferioridade, pelas estradas, automóveis e pelas armas mais modernas utilizadas pelas forças governamentais. O cangaço não era mais o método mais prático de libertação

<sup>52</sup> Ibid.

<sup>53</sup> MACIEL, Frederico Bezerra. Lampião: seu tempo e seu reinado, passim.

<sup>54</sup> A República, Terça-feira, 18/02/1930, p.1

em relação ao domínio econômico e político exercido pelos coronéis nos sertões do Nordeste.<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> BASBAUM, op cit, p.165-166.

## 5 - CONCLUSÃO

Incapaz de atender às novas aspirações sociais, de se modernizar politicamente e de acompanhar a evolução e a modernização do país, o governo imperial entra em crise e foi substituído pela República em 1889; através de um golpe militar. Com isso a luta pela hegemonia política no seio da classe dominante entrou numa nova fase, onde a burguesia cafeeira tentou deslocar o grupo militar de controle do aparelho de Estado e, o primeiro passo nessa direção foi a instalação da Assembléia Constituinte.

Com a República Oligárquica, os camponeses foram mantidos marginalizados, submetidos e dependentes dos latifundiários. As crises econômicas, juntamente com as secas, faziam aumentar a fome, a miséria e o desemprego, fazendo com que essa massa marginalizada vissem no cangaço uma alternativa de sobrevivência.

Enquanto forma de movimento social, o cangaço atingiu seu auge nos anos de 1925 e 1928. Com a Revolução de 1930 ele começou a perder força e significado, embora tenha perdurado até 1940.

A liquidação de Lampião e Corisco pôs fim a um modo de vida que durante quase um século havia sido a alternativa para os sertanejos, que viviam à margem de uma sociedade onde os coronéis eram os detentores dos grandes latifúndios. Considerados bandidos sociais, desajustados, esses homens foram, na realidade, a expressão do inconformismo e da revolta do trabalhador no leito, contra as injustiças e misérias a que estavam submetidos na sociedade patriarcal e latifundiária. Esse cangaceiro era produto de uma sociedade ainda primitiva, resultado de velhas tendências ancestrais.

O Rio Grande do Norte, como parte integrante de um contexto sócio-econômico maior, também teve reflexos dessa situação em sociedade, embora

O cangaço não tenha tido expressividade aqui no Estado, que servia apenas como ponto de passagem de grupos que dirigiam-se para atacar outros Estados. No entanto, tivemos como representante deste movimento aqui Jesuíno Brilhante, que ao contrário de Lampião e de muitos outros cangaceiros, não disseminou o terror por onde passava.

O cangaço não encontrou ambiente aqui no Rio Grande do Norte devido a ação do governo norte-rio-grandenses, que aliado a população sertaneja, combatia energicamente a atuação dos bandos e, um exemplo disso é a invasão de Lampião a Mossoró.

No entanto, embora o cangaço tenha desaparecido como forma de movimento social, ele permanesse vivo na memória popular, uma vez que simbolizavam a esperança em dias melhores.



## FONTES

- A REPÚBLICA, Natal, jan./jun. 1920.  
A REPÚBLICA, Natal, jan./dez. 1926.  
A REPÚBLICA, Natal, jan./jun. 1928.  
A REPÚBLICA, Natal, jan./jun. 1929.  
A REPÚBLICA, Natal, jan./jun. 1930.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Ulisses Lins de. **Um sertanejo e o sertão**. Rio de Janeiro: Olympió, 1957.
- \_\_\_\_\_. **Moxotó Brado**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1960.
- ANDRADE, M.C. de. **A terra e o homem no nordeste**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1963.
- ARBOCZ, I.I.L. **Ensaio sobre a história econômica do rio grande do norte**. Natal: Ed. Universitária, 1986.
- BARBOSA, E. **Lampião, o rei do cangaço**. [s.l.] Ed. Brasileira de Ouro, [s.d.]
- BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917.
- BASBAUM, Leôncio. **História sincera da república**. 5. ed. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1986.
- BATISDE, Roger. **Brasil, terra de contrastes**. São Paulo: Difel, 1959.
- BATISTA, Pedro. **Cangaceiros do nordeste**. São Paulo: Liv. São Paulo, 1929.
- CARVALHO, Rodrigues de. **Serrote preto**. Rio de Janeiro: Soc. Ed. e Gráfica Ltda, 1961.

- CHANDLER, Billy Jaynes.** *Lampião: o rei dos cangaceiros.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- CHIAVENATO, Júlio J.** *Cangaço: a força do coronel.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.
- COSTA, Gutemberg.** *Gota de sangue num mar de lama: visão histórica e sociológica do cangaço.* Natal: Gráfica Santa Maria, 1992.
- CUNHA, Euclides da.** *Os sertões.* 20. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- DÓRIA, Carlos Alberto.** *O cangaço.* 2. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- FACÓ, Rui.** *Cangaceiros e fanáticos: gênese de lutas.* Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1991.
- FAUSTO, Boris, (Dir.)** *História geral da civilização brasileira.* 5. ed. Rio de Janeiro; Ed. Bertrand Brasil, 1989. t.3, v.1.
- \_\_\_\_\_. *Pequenos ensaios da história da república: 1889-1945.* São Paulo, 1972. (Caderno Cebrap, 10)
- FERNANDES, Raul.** *A marcha de lampião: assalto a mossoró.* 3 ed. Natal; Ed. Universitária, 1985. (Col. Mossoroense, n. 316)
- FURTADO, Celso.** *Formação econômica do Brasil.* Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1971.
- GUEIROS, Optado.** *Lampião.* 4. ed. Salvador: Liv. Progresso, 1956.
- HOBSBAWN, E.J.** *Rebeldes Primitivos.* 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Bandidos.* Rio de Janeiro: Forense, 1956.
- LUNA, Luiz.** *Lampião e seus cabras.* Rio de Janeiro: Ed. Leitura, 1963.
- LEAL, Victor Nunes.** *Coronelismo, enxada e voto.* São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1975.
- LIMA, Estácio de .** *O mundo estranho dos cangaceiros.* Salvador: Ed. Itaporã, 1965.
- MACEDO, Nerton.** *Capitão Virgulino Ferreira, Lampião.* Rio de Janeiro: Ed. Leitura, [s.d.].
- MACIEL, Frederico Bezerra.** *Lampião: seu tempo e seu reinado - as origens.* 2 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1992. V.4.
- MAGALHÃES FILHO, Francisco de B. B.** *História econômica.* 7 ed. São Paulo: Sugestões Literárias, 1981.

- MARIZ, Marlene da Silva. **A revolução no rio grande do norte.** [s.l.;s.n.], 1984.
- \_\_\_\_\_, SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do rio grande do norte: império e república.** (1822-1934). Natal: Gráf. Santa Maria, 1999.
- MEDEIROS, Tarcísio. **Aspectos geopolíticos e antropológicos da história do rio grande do norte.** Natal: Imprensa Universitária, 1973.
- MELLO, Octávio José Arruda. **Violência e repressão no nordeste.** Campina Grande: GRAFSET, 1985.
- MENDES JÚNIOR, Antônio, MARANHÃO, Ricardo. **Brasil História: texto e consulta** (Rep. Velha) 2. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981. v.3.
- MORAES, Walfredo. **Jagunços e heróis.** Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1963.
- MOTTA, Leonardo. **Cantadores.** 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1961.
- \_\_\_\_\_. **No tempo de lampião.** Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1930.
- NÓBREGA, Padre Pereira. **Vingança, não.** Rio de Janeiro: Liv. Freitas Bastos, 1960.
- NONATO, Raimundo. **Minhas memórias do oeste potiguar: Lampião em mossoró.** 4 ed. Rio de Janeiro: Ed. Potengi, 1989. v.10. (Col. Mossoroense, série C, nº 408).
- \_\_\_\_\_. **Jesuíno Brilhante: O cangaceiro romântico.** Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1981.
- PARREIRA, Aberlado. **Sertanejo e cangaceiros.** São Paulo: Ed. Paulista, 1934.
- PIRES, A.L. **Jesuíno Brilhante.** Natal: Fundação José Augusto, 1987. v.2.
- PONTES, Antônio Barroso. **Mundo dos coronéis.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1970.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998.
- PRATA, Ranulpho. **Lampião.** 2 ed. São Paulo: Ed. Piratininga, 1930.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do cangaço.** 2 ed. São Paulo: Global, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Os cangaceiros.** São Paulo: Ed. Duas Cidades, 1977.

**Notas sociológicas sobre o cangaço.** São Paulo: Ciência e Cultura, 1975. v.27.n.5.

**O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios.** São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1976.

SANTOS, Floripes de. **Cabras e coronéis.** Rio de Janeiro: Pongetti, 1963.

SANTOS, Paulo Pereira. **Evolução econômica do Rio grande do norte: do século XVI ao século XX.** Natal: Clima, 1994.

SILVA, Francisco de Assis. **História do Brasil: colônia, império e república.** São Paulo: Moderna, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação econômica do Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1962.

SOUZA, Itamar de. **A república velha no rio grande do norte (1889-1930).** Brasília: Senado Federal, 1989.

SUPER INTERESSANTE. **Cangaceiro Idolatrado.** Wanda Nestlehner. São Paulo, n.6, p.44-54, junho, 1997.

TAVARES, Franklin. **O cabeleira.** Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1876.

VILAÇA, Marcos Vinícios, ALBUQUERQUE, Roberto C. **Coronéis.** Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1965.

ANEXOS



O melhor retrato de Lampião, tirado durante sua visita ao Padre Cícero, em Juazeiro, em 1926. (Cortesia do Museu Histórico, Fortaleza.)

CHANDLER, Billy Jaymes. Lampião: o rei dos cangaceiros, p. 162.

ANEXO 2



*Lampião e Maria Bonita na caatinga, c. 1936.  
-Lampião está posando com uma revista na mão.  
(Cortesia do Major Alberto Salles Paraíso Borges,  
Salvador.)*

CHANDLER, op cit, p. 169.

ANEXO 3



*Mulher marcada com ferro em brasa por José Bahiano (1935).*

QUEIROZ, M<sup>a</sup> Isaura Pereira de. História do cangaço, p.51.



O bilhete de Lampião

Capitão Virgolino-Terreira (Lampião)

Cel. Rodolpho.

Estando eu até aqui  
pretendo ir já foi um  
aviso, ali pa os senhoris.  
se por acaso resolver mi.  
a mandar, será a importância  
quequi nas pedi. Eu envito  
di Entrada ali paem não  
vindo esta importância eu  
entrarei, até ali pouco qui adeus  
querer. eu entro e não aver  
muito estrago, por isto si vir  
odrô eu não entro, ali mas  
no resposte logo.

Copno Lampião

Fac-símile do bilhete de Lampião, escrito de próprio punho, ao Prefeito de Mossoró Cel. Rodolfo Fernandes ante a sua negativa ao pedido de 400 contos de réis - 13.06.1927. Conforme Raul Fernandes, o original se encontra no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, por doação de sua família.

ANEXO 5

Foto de grupo de Lampião, colhida em Limoeiro, sobre a qual o coronel Antônio Gurgel faz referência no seu diário.

*Grupo de Bandidos que atacaram Mossoró em 13 de Junho de 1927, sendo  
expulso.  
PHOT. Tirada em Limoeiro (Ceará) em 16 de Junho 1927.*



1- Sabino - 2 Navieiro - 3 Dalfino (Mormaco) - 4 Ezequiel - 5 Virgulino Ferreira LAMPEÃO - 6 Luiz Pedro  
7 Maximilian Benedites - 8 Virginia - 9 Valatão - 10 Mergulhão - 11 Coqueiro - 12 José Roque - 13 Félix  
14 João - 15 D.ª Maria Rosa (Prisioneiro) 16 Cel. Antônio Gurgel (Prisioneiro) 17 Cel. Moreira (Prisioneiro)  
18 Leite (Prisioneiro) - 19 Terra d'Ouman - 20 José Cão - 21 José Prestinho - 22 Maurício - 23 Benedito  
24 Jatobá - 25 Alagano - 26 Pinhão - 27 Trovão - 28 Miguel - 29 Euclides - 30 Rio Preto - 31 L. Sabino  
- mais 14. que ficaram nas trincheiras.

ANEXO 6

Outra foto do grupo de Lampião, colhida em Limoeiro, após o ataque a Mossoró.

*J. Gurgel*      *grupo em Limoeiro (ceara)*  
*CD-43*      *+ Lampião*

